

Contribuição para a discussão sobre o campo teórico do jornalismo

TRAQUINA, N. 2004. *Teorias do Jornalismo. Por que as notícias são como são*. Florianópolis, Insular, 224 p.

Gilmar Hermes*

Os estudos sobre jornalismo inserem-se num conjunto de teorias da comunicação que analisa a ação das mídias nas sociedades e suas estruturas internas. São estudos que revelam a construção de concepções de comunicação, tendo como um dos aspectos principais o “valor-notícia”. Nelson Traquina é um dos pesquisadores que vem contribuindo de uma maneira importante nesse campo de estudo, com trabalhos que abordam os principais tópicos da pesquisa em jornalismo, atualmente em voga, ao lado de investigações que contribuem para a compreensão e o aperfeiçoamento dessa atividade.

Até pouco tempo, tínhamos acesso somente aos trabalhos de Traquina publicados em Portugal, a exemplo de *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”* (Lisboa, Vega, 1993). Em 2001, a Editora Unisinos lançou *O estudo do jornalismo no século XXI*, em que o autor aborda a teoria do agendamento (*agenda-setting*) — situando-a entre as diversas teorias do jornalismo — e apresenta suas pesquisas recentes, entre as quais a cobertura sobre a Aids e como o assunto ganhou noticiabilidade.

Neste ano, a editora Insular também resolveu publicar uma obra do autor português e trouxe o primeiro volume de *Teorias do Jornalismo*. Procurando responder à pergunta: por que as notícias são como são?, o autor faz uma introdução à compreensão científica do jornalismo, situando o periodismo desde a sua história até as teorias que buscam a sua definição científica. Os referenciais teóricos do jornalismo passaram pouco a pouco de um suporte técnico das práticas profissionais para uma visão crítica cada vez mais complexa dessa atividade, a fim de entender o papel desse tipo de trabalho, em termos epistemológicos, e ao mesmo tempo entender o seu tipo de ação social.

* Doutorando do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos.

Na leitura de uma para outra obra de Traquina, percebe-se como a abordagem científica do jornalismo amadurece, definindo-se marcos e questões cada vez mais evidentes nesse campo, ao lado de novas abordagens. O livro torna-se interessante desde o prefácio de Eduardo Meditsch, que situa o surgimento da disciplina de Teoria do Jornalismo, no Brasil, e a sua inclusão obrigatória nos cursos universitários em 1998. Nesse percurso, Meditsch lembra, ainda, o trabalho de autores como Adelmo Genro Filho, Marques de Mello, Ciro Marcondes Filho, Alberto Dines e Nilson Lage, que contribuíram para essa inclusão.

Apesar de que o compromisso ético dos jornalistas consiste, evidentemente, em não transgredir as fronteiras entre realidade e ficção, Traquina questiona a ideologia profissional que coloca o jornalismo como sinônimo de realidade. Por trás dessa ideologia, está a Teoria do Espelho, que se constituiu a partir da própria configuração do jornalismo como campo. Não há como entender as teorias do jornalismo, ou seja, entender cientificamente o jornalismo, sem considerar suas bases históricas. Por isso, o livro inicia fazendo uma retomada histórica sobre o surgimento e o desenvolvimento do jornalismo, e mostrando como a “informação” torna-se uma mercadoria.

A idéia de objetividade não pode ser entendida se não considerarmos como os jornais funcionavam no século XVIII, na Europa, e como, no século XIX, deixaram de ser panfletos políticos para trabalharem com as notícias. No Brasil, João do Rio foi um autor que cumpriu um papel importantíssimo, ao abandonar o texto opinativo e descrever fatos por meio de entrevistas, como indicou Cremilda Medina, no seu livro *Notícia: um produto à venda* (São Paulo, Summus, 1988).

A teoria do espelho e a idéia de objetividade estão plenamente associadas e correspondem à tentativa de definir etica e logicamente o papel social do jornalismo, o que, constantemente, se confronta com diversos limites. Os jornais, na sua ação efetiva, demonstram pretensas maneiras de tratar a realidade, que, de certa forma, podem ser contestadas pelas teorias da linguagem, semióticas e análise do discurso. No entanto, a definição de uma categoria profissional e de um modo específico de tratar a realidade, em função de prestar a informação, levou a constituição de um tipo de conhecimento relacionado a essa atividade e é nesse aspecto que as teorias do jornalismo se tornam necessárias.

Traquina vincula a atividade do jornalismo à democracia e, neste sentido, questiona as relações que se estabelecem entre jornalismo e poder. O relacionamento com as fontes, por exemplo, é uma questão fundamental do jornalismo que depara com o problema da “autonomia”, o tipo de ação profissional almejado por todo jornalista, mas que se torna problemática diante das formas conceituais e organizacionais da atividade. O jornalismo pode ser observado nas práticas e ter, nas teorias, um ponto de vista contestador e crítico.

Diferente de Mauro Wolf (*Teorias da Comunicação*, Lisboa, Presença, 2001) que menciona as consagradas teorias do *agenda-setting*, do *gatekeeper* e de *newsmaking*, Traquina prefere citar as teorias do espelho, do *gatekeeper*,

a organizacional, de ação política, as construcionistas, a estruturalista e a interacionista, da qual se diz partidário. Considera que elas não se excluem e que não são, obrigatoriamente, independentes umas das outras. As teorias do *agenda-setting* e do *gatekeeper*, por exemplo, estão intimamente relacionadas por trabalharem com a idéia de seleção. Acredito que se vê aqui um amplo desenvolvimento da abordagem em termos das tendências de *newsmaking*.